

IMPROVISO DE OHIO*

SAMUEL BECKETT

O = Ouvinte.

L = Leitor.

Tão parecidos fisicamente quanto possível.

Luz sobre a mesa no centro do palco. O resto do palco no escuro.

Mesa simples de pinho branco de mais ou menos 2,5 m x 1,2 m.

Duas cadeiras simples de pinho branco, sem braços.

O sentado, de frente, perto do canto do lado comprido da mesa, à direita do público.

Cabeça baixa, apoiada na mão direita. Rosto escondido. Mão esquerda sobre a mesa. Longo casaco preto. Longos cabelos brancos.

L sentado à mesa, de perfil, no meio do lado curto, à direita do público. Cabeça baixa, apoiada na mão direita. Mão esquerda sobre a mesa. Livro sobre a mesa, à sua frente, aberto nas últimas páginas. Longo casaco preto. Longos cabelos brancos.

Chapéu preto de abas largas no centro da mesa.

Fade hot.

Dez segundos.

L vira a página.

Pausa.

L: (Lendo.) Pouco resta a dizer. Numa última –

(O bate com a mão na mesa.)

Pouco resta a dizer.

(Pausa. Batida.)

Numa última tentativa de obter alívio, ele se mudou de onde tinham estado juntos por tanto tempo para um quarto na margem distante. Da única janela ele podia ver correnteza abaixo a ponta da Ilha dos Cisnes.

(Pausa.)

* © Samuel Beckett, 1982 (Samuel Beckett's OHIO IMPROMPTU reproduced by kind permission of the Estate of Samuel Beckett c/o Rosica Colin Limited, London).

Samuel Beckett, "Ohio Impromptu", in *the Complete Dramatic Works*, London, Faber and Faber, 2006, p. 443-448. Tradução de Ana Paula Pacheco e Edu Teruki Otsuka.

Alívio ele esperou que fluísse da estranheza. Quarto estranho. Cena estranha. Sair para onde nada nunca compartilhado. Voltar para onde nada nunca compartilhado. Disso uma vez quase esperou que alguma dose de alívio talvez fluísse.

(Pausa.)

Dia após dia ele podia ser visto palmilhando à ilhota. Hora após hora. Em seu longo casaco preto não importava o clima e o surrado chapéu do Quartéis Latim. Na ponta da ilha ele sempre parava para contemplar o refluxo da correnteza. Como seus dois braços confluíam e fluíam unindo-se em alegres redemoinhos. Então voltar e retrair seus passos lentos.

(Pausa.)

Em seus sonhos –

(Batida.)

Então voltar e retrair seus passos lentos.

(Pausa. Batida.)

Em seus sonhos ele tinha sido alertado contra essa mudança. Visto o rosto querido e escutado as palavras não ditas, Fique onde nós estivemos tanto tempo sozinhos juntos, minha sombra irá confortá-lo.

(Pausa.)

Não poderia ele –

(Batida.)

Visto o rosto querido e escutado as palavras não ditas, Fique onde nós estivemos tanto tempo sozinhos juntos, minha sombra irá confortá-lo.

(Pausa. Batida.)

Não poderia ele voltar atrás agora? Reconhecer seu erro e voltar para onde uma vez estiveram tanto tempo sozinhos juntos. Sozinhos juntos tantas coisas compartilhadas. Não. O que ele tinha feito sozinho não poderia ser desfeito. Nada do que tinha feito sozinho jamais poderia ser desfeito. Por ele sozinho.

(Pausa.)

Neste extremo seu velho terror da noite tomou-o novamente. Depois de tão longo intervalo como se nunca tivesse sido. (Pausa. Olha mais de perto.) Sim, depois de tão longo intervalo como se nunca tivesse sido. Agora com força redobrada os terríveis sintomas descritos em detalhe na página quarenta, quarto parágrafo. (Começa a virar as páginas. Detido pela mão esquerda de O. Retoma a página abandonada.) Noites em claro agora de novo a sua cota. Como quando seu coração era jovem. Sem dormir sem enfrentar o sono até –

(Vira a página.) – o amanhecer.

(Pausa.)

Pouco resta a dizer. Uma noite –

(Batida.)

Pouco resta a dizer.

(Pausa. Batida.)

Uma noite enquanto ele estava sentado à cabeça nas mãos tremendo da cabeça aos pés um homem apareceu e disse, Fui enviado por – e aqui pronunciou o nome querido – para confortá-lo. Então, tirando do bolso do seu longo casaco preto um livro velho, ele se sentou e leu até o amanhecer. Depois desapareceu sem dizer palavra.

(Pausa.)

Algum tempo depois ele apareceu novamente à mesma hora com o mesmo livro e desta vez sem preâmbulos sentou-se e o releu inteiro pela longa noite inteira. Depois desapareceu sem dizer palavra.

(Pausa.)

Então de tempos em tempos sem aviso ele aparecia para reler a triste história inteira até o fim da longa noite. Depois desaparecia sem dizer palavra.

(Pausa.)

Sem nunca trocar uma palavra, eles se tornaram um só.

(Pausa.)

Até que por fim chegou à noite em que fechado o livro perto do amanhecer ele não desapareceu mas continuou sentado sem dizer palavra.

(Pausa.)

Finalmente ele disse, Recebi uma ordem de – e aqui pronunciou o nome querido – dizendo que não devo vir novamente. Vi o rosto querido e ouvi as palavras não ditas, Não será preciso ir até ele novamente, mesmo que estivesse ao seu alcance.

(Pausa.)

Então a triste –

(Batida.)

Vi o rosto querido e ouvi as palavras não ditas, Não será preciso ir até ele novamente, mesmo que estivesse ao seu alcance.

(Pausa. Batida.)

Então a triste história pela última vez contada continuaram sentados como se fossem de pedra. Através da única janela o amanhecer não espalhava nenhuma luz. Da rua nenhum som de despertar. Ou enterrados sabe-se lá em que pensamentos eles não prestaram atenção. À luz do dia. Ao som do despertar. Sabe-se lá em que pensamentos. Pensamentos, não, não pensamentos. Profundezas da mente. Enterrados sabe-se lá em que profundezas da mente. Do alheamento. Onde nenhuma luz pode chegar. Nenhum som. Então continuaram sentados como se fossem de pedra. A triste história contada uma última vez.

(Pausa.)

Nada resta a dizer.

(Pausa.) L começa a fechar o livro.

Batida. (Livro meio fechado.)

Nada resta a dizer.

(Pausa.) L fecha o livro.

Batida.

Silêncio. Cinco segundos.

Simultaneamente eles abaixam as mãos direitas sobre a mesa, levantam as cabeças e se olham. Sem piscar. Sem expressão.

Dez segundos.

(Fade out.)